

A expressão do tempo num texto de instruções do sub-género “modo de emprego”

Paulo Nunes da Silva
Universidade Aberta

1. Introdução

Neste trabalho, vamos proceder à análise da expressão do tempo num texto de instruções que se integra no sub-género “modo de emprego”. Pretendemos, com esta reflexão, contribuir para um conhecimento mais aprofundado dos mecanismos de expressão temporal que são predominantemente utilizados nestes textos, e determinar se este género discursivo actualiza o protótipo sequencial narrativo, o protótipo sequencial descritivo, ou se se situa num ponto intermédio de um “continuum” entre os dois protótipos.

Deste modo, a investigação realizada centra-se em dois grandes objectivos, a que correspondem as duas perguntas seguintes:

- i) Que mecanismos de expressão do tempo e que tipo de relação temporal predominam nos textos de instruções?
- ii) Com base nesses mecanismos e nas relações temporais atestadas entre as situações referidas, que protótipo sequencial – entre os que estão previstos na teorização de Adam (1992) – actualiza o género discursivo texto de instruções?

A estrutura deste trabalho é a seguinte: na secção 2, listaremos as propriedades gerais dos textos de instruções. Na secção 3, apresentaremos o texto que é objecto de análise. Na secção 4, explicitaremos os elementos que contribuem para a expressão do tempo: as formas verbais, os adverbiais temporais, as classes aspectuais das situações representadas no texto e as relações discursivas entre os enunciados. Na secção 5, procederemos à análise da temporalidade do texto, ou seja, explicitaremos as relações temporais atestadas entre as situações referidas. Por fim, na secção 6, sistematizaremos as principais conclusões extraídas da análise realizada e, com base nas propriedades atestadas, reflectiremos sobre a maior ou menor proximidade destes textos relativamente aos protótipos sequenciais narrativo e descritivo.

2. As propriedades dos textos de instruções

Com base na teorização de Adam (2001), começamos por enumerar as propriedades deste género discursivo que nos parecem ser mais relevantes, nomeadamente aquelas que se revelam determinantes para a expressão do tempo nestes textos:

- os textos de instruções têm um objectivo prático que consiste em auxiliar um alocutário a desempenhar uma determinada tarefa; essa tarefa concretiza-se na transformação do estado inicial de um dado objecto ou conjunto de objectos; os enunciados caracterizam-se, então, pelo seu valor ilocutório directivo;
- a realização da tarefa insere-se necessariamente num intervalo posterior ao intervalo de tempo da enunciação; dentro desta esfera temporal, observa-se, geralmente, indeterminação a nível do(s) intervalo(s) de tempo em que se materializa a transformação prevista pelo conjunto de indicações referido no texto; de facto, os textos de instruções raramente manifestam valores temporais de localização absoluta no eixo do tempo¹;
- ocorrem frequentemente adverbiais temporais e organizadores textuais que têm como função determinar quer a ordem temporal, quer a duração das situações denotadas;
- estes textos expressam instruções, referindo um conjunto de situações sequencialmente ordenadas; a ordem temporal das situações denotadas é de tal modo rígida que o alocutário dificilmente poderá alterá-la;
- as formas verbais predominantes são formas do infinitivo não flexionado, do presente do indicativo ou do presente do conjuntivo.

As propriedades que caracterizam os textos de instruções não se reduzem, naturalmente, a estas que acabámos de listar. Limitámo-nos a salientar as que são mais relevantes para o tema em questão: a expressão de valores temporais.

3. Apresentação do texto de instruções a ser analisado

Vejam agora a sequência textual que nos propomos analisar. Recorremos à numeração árabe para identificar as diferentes orações e à numeração romana para assinalar os adverbiais temporais atestados na sequência. As formas verbais são apresentadas a negro e os adverbiais temporais foram sublinhados. Na transcrição do texto, substituímos o substantivo próprio que explicita a marca do produto em causa pelo substantivo comum “champô” para não publicitar a marca desse produto.

- (1) (I) **Lavado** (2) e (II) **escorrido o cabelo**, (3) **esfregá-lo** com um pouco de [champô], (4) **pondo água quente** (5) (III) **até obter espuma** (6) e **enxaguar**. (7) **Repetir** a operação (8) e **lavar** abundantemente.

Esta sequência integra o folheto informativo que acompanha um champô anti-caspa; a sequência textual em análise corresponde a um conjunto de indicações reunidas sob o título de “Posologia e modo de emprego”. A autoria do texto é da

¹ Como excepção, registe-se o caso dos horóscopos de publicações periódicas que, por vezes, procedem à ancoragem das situações denotadas no eixo do tempo, como no enunciado seguinte: «aproveite a onda de energia positiva que o vai atingir ao longo deste mês para dar forma a alguns projectos a nível profissional» (in revista *Certa*, n.º 40, Dezembro de 2003, p. 42).

responsabilidade do laboratório que fabrica e comercializa o produto em causa. A última revisão do folheto foi efectuada em Setembro de 1994, data que tomámos como sendo a da sua redacção. Dada a inclusão, no folheto, de informações que só um especialista na área possui – relativas, por exemplo, à composição do produto, às indicações terapêuticas e às contra-indicações –, assumimos que este texto tem origem na comunidade científica do ramo farmacêutico, integrando-se no tipo de discurso científico.

Relativamente aos horizontes de expectativa que o género textual delimita e aos objectivos que pretende atingir, este tipo de folhetos serve para informar o utilizador acerca das características de um dado produto. Geralmente engloba, entre outras, informações sobre a composição dos produtos, indicações terapêuticas, contra-indicações, efeitos secundários, precauções, posologia e modo de emprego do produto.

O quadro seguinte sistematiza as propriedades que acabámos de enumerar.

"Posologia e modo de emprego do champô"	
<i>Tipo de discurso</i>	Científico
<i>Género discursivo</i>	Texto de instruções
<i>Sub-género discursivo</i>	Modo de emprego
<i>Autoria</i>	(Responsabilidade) colectiva
<i>Destinatário</i>	Público utilizador do produto farmacêutico em causa
<i>Suporte</i>	Texto escrito inserido em folheto que acompanha um champô anti-caspa
<i>Objectivo</i>	Informar acerca da dosagem a aplicar e do modo de usar eficazmente o produto

4. Elementos para a análise da temporalidade num texto de instruções

Ao longo desta secção, apresentaremos um conjunto de dados relativos aos mecanismos de expressão de tempo utilizados no texto.

Começamos por explicitar, no quadro que a seguir se apresenta, as formas verbais e o número de vezes que ocorrem na sequência discursiva em análise.

Formas verbais	N.º de ocorrências	%
Infinitivo	5	62,5
Particípio passado	2	25,0
Gerúndio	1	12,5
Total	8	100,0

Nesta sequência, apenas são atestadas formas nominais do verbo. A forma verbal de base é o infinitivo não flexionado. Estas formas de infinitivo são atestadas em frases com valor ilocutório directivo quando o alocutário é indeterminado².

² Cf. Mateus *et al.* (2003: 453): «o infinitivo, na sua forma invariável, é especialmente usado quando o destinatário do acto ilocutório directivo não é específico». Do ponto de vista ilocutório, Casanova (1996: 435) definiu as instruções veiculadas nestes textos como «actos directivos despersonalizados».

As formas verbais que ocorrem no texto não servem, portanto, para estabelecer uma relação temporal entre a situação denotada, um ponto de perspectiva temporal e o intervalo de tempo da enunciação. Esta constatação é indissociável do facto de os textos de instruções expressarem indicações que só num intervalo posterior ao intervalo de tempo da enunciação são passíveis de ser concretizadas. A ocorrência exclusiva de formas nominais do verbo deve ser perspectivada à luz deste enquadramento.

No quadro seguinte, apresentamos a classificação aspectual das situações denotadas no texto de instruções.

CLASSES ASPECTUAIS	PROPOSIÇÕES
Estado consequente	(1) Lavado
Estado consequente	(2) e escorrido o cabelo,
Actividade	(3) esfregá-lo com um pouco de [champô],
Actividade ³	(4) pondo água quente
Evento instantâneo	(5) até obter espuma
Evento prolongado ⁴	(6) e enxaguar .
Evento prolongado	(7) Repetir a operação
Evento prolongado ⁵	(8) e lavar abundantemente.

A seguir, cruzamos os dados relativos às formas verbais atestadas e às classes aspectuais representadas. Integramos numa mesma coluna – sob a designação de eventos – as situações das classes dos eventos prolongados, dos eventos instantâneos e das actividades.

FORMAS VERBAIS	Eventos	Estados
Infinitivo	5	
Particípio passado		2
Gerúndio	1	
TOTAL	6	2
TAXA DE OCORRÊNCIA	75,0 %	25,0 %

Predominam, neste texto, as situações eventivas, que representam três quartos do total de estados de coisas denotados. São ainda atestados dois estados consequentes. Veremos, contudo, que as situações estativas representadas nesta sequência textual, porque configuram estados consequentes e porque constituem actos ilocutórios directivos indirectos, remetem para a concretização de eventos prolongados (nomeadamente, *lavar o cabelo* e *escorrer o cabelo*). Esta constatação evidencia de modo ainda mais claro o predomínio das situações eventivas neste género discursivo.

³ Sublinhe-se que a situação “pôr água” é durativa e atética, embora temporalmente delimitada pela proposição (5). Dai tratar-se de uma actividade.

⁴ O estado de coisas “enxaguar [o cabelo]” constitui um evento prolongado, na medida em que é durativo e tético. A telicidade desta situação é comprovada pelo facto de desencadear um estado consequente, o qual pode ser explicitado pelo enunciado *o cabelo está enxaguado*.

⁵ O estado consequente denotado pela proposição (1) justifica a proposta de classificação da proposição (8): porque desencadearia um estado consequente – como o que é referido em (1) –, a proposição (8) configura um evento.

Assinalemos, agora, os adverbiais temporais presentes no texto.

ADVERBIAIS TEMPORAIS		LOCALIZAÇÃO	DURAÇÃO	FREQUÊNCIA
(I)	<i>lavado [o cabelo]</i>	X		
(II)	<i>escorrido o cabelo</i>	X		
(III)	<i>até obter espuma</i>	X		
N.º DE OCORRÊNCIAS		3	0	0

Todos os adverbiais temporais atestados nesta sequência são localizadores. O texto revela elevados valores de ocorrência de adverbiais temporais: 3 em 8 orações. Quanto à sua configuração sintáctica, todos os adverbiais temporais constituem orações subordinadas temporais: 2 orações participiais e 1 oração infinitiva.

Apesar de constituírem adverbiais temporais de localização, nenhum dos adverbiais atestados no texto procede à localização absoluta no eixo do tempo das situações com que co-ocorre.

Por outro lado, tratando-se de orações subordinadas temporais, os adverbiais temporais denotam igualmente estados de coisas, o que carrega um maior grau de complexidade no estabelecimento das relações temporais entre as situações referidas no texto. Os adverbiais temporais atestados nesta sequência textual localizam, portanto, as situações denotadas pelas orações principais relativamente aos estados de coisas referidos nas orações subordinadas que desempenham a função de adverbiais de localização temporal.

No quadro seguinte, assinalamos as relações discursivas observadas no texto.

Relação discursiva	Núcleo	Satélite
NARRAÇÃO	(5)	(6)
	(6)	(7)
	(7)	(8)
PREPARAÇÃO ⁶	(5)	(3) - (4)

Predomina a relação discursiva de *NARRAÇÃO*, que se define pelo facto de a situação referida no núcleo preceder a situação denotada no satélite sem constituir, no entanto, a sua causa. A sequencialidade temporal entre os estados de coisas envolvidos é inerente a esta relação discursiva.

Observa-se também a relação de *PREPARAÇÃO*, entre um núcleo constituído pela proposição (5) e um satélite composto pelas proposições (3) e (4). Esta relação consiste na apresentação de informação, referida no satélite, que se destina a auxiliar o interlocutor a realizar uma dada acção, denotada no núcleo.

Com base nos dados recolhidos que foram apresentados ao longo desta secção, explicitaremos, na secção seguinte, as relações temporais que se observam entre as situações referidas neste texto.

⁶ Propomos esta designação (numa acepção próxima do sentido relativo ao *acto de propiciar, de habilitar*) como tradução de *enablement*. Segundo Mann e Thompson (1987: 18), esta é uma «presentational relation [...] whose intended effect is to increase some inclination in the reader, such as the desire to act».

5. O tempo num texto de instruções do sub-género “modo de emprego”

Para se compreender devidamente o modo como funciona a temporalidade na sequência textual em análise, é importante reter as seguintes ideias:

- neste género discursivo, a linearidade textual desempenha um papel decisivo para a compreensão do discurso; por defeito, a relação temporal entre duas situações *a* e *b* é de anterioridade de *a* relativamente a *b*, desde que *a* preceda *b* no discurso;
- em associação com a linearidade textual, também as classes aspectuais se revelam determinantes na interpretação das relações temporais entre as situações; no caso de duas situações integrarem pontos de culminação na sua estrutura temporal interna (ou de serem representadas como temporalmente delimitadas), por defeito, elas são interpretadas como ocupando intervalos de tempo distintos, verificando-se, deste modo, sequencialidade temporal.

A proposição (1) integra uma forma de participio passado e designa um estado consequente, que resulta da culminação do evento prolongado correspondente à situação “lavar o cabelo”. A ocorrência do participio passado neste enunciado caracteriza-se pela seguinte particularidade: ao designar o estado consequente de um evento prolongado, a forma de participio passado ocorre integrada num enunciado que concretiza um acto ilocutório directivo indirecto, que consiste em levar o interlocutor a realizar o evento prolongado correspondente a “lavar o cabelo” e a atingir o ponto de culminação desse evento, de modo a que seja obtido o estado consequente referido na proposição (1).

O mesmo se verifica na proposição (2), uma vez que também ela designa um estado consequente – neste caso, do evento prolongado “escorrer o cabelo” –, e constitui igualmente um acto ilocutório directivo indirecto. É referido o estado resultante de um dado evento, e o alocutário infere que deverá realizar o evento prolongado que origina esse estado.

O uso do participio passado em enunciados com valor ilocutório directivo indirecto requer, portanto, um raciocínio inferencial da parte do alocutário: ele infere, primeiro, que o estado consequente representado no texto pretende destacar o evento que lhe dá origem (ou a sua culminação); e infere, depois, que a referência indirecta a esse evento constitui um incitamento do locutor para que o alocutário concretize o evento em causa, antes de realizar outros eventos referidos no discurso.

Para que este raciocínio de natureza inferencial se processe, também contribui a identificação do género discursivo texto de instruções, na medida em que este uso do participio passado parece constituir uma especificidade deste género textual. De facto, em enunciados que integram formas de infinitivo, o valor ilocutório directivo não é particularmente invulgar: muitos textos de instruções têm o infinitivo como forma verbal de base. Já quanto às formas de participio passado, a sua ocorrência em enunciados com valor ilocutório directivo indirecto é mais rara e, tanto quanto é do nosso conhecimento, ainda não tinha sido evidenciada nem associada a géneros discursivos que incitam à acção do alocutário, como é o caso dos textos de instruções.

O estado designado em (1) situa-se num intervalo de tempo sobreposto ao intervalo ocupado pelo estado designado em (2). Sendo o início do intervalo ocupado pelo estado referido em (1) anterior ao início do intervalo em que se insere o estado denotado em (2), há sobreposição parcial entre os intervalos de tempo em que se integram estes dois estados. Esta relação de sobreposição parcial infere-se pela conjugação de três factores: i) a linearidade discursiva – as proposições ocorrem no discurso pela seguinte ordem: primeiro (1), e só depois (2) – em associação com ii) a expressão do valor temporal de anterioridade do participio passado em orações deste tipo; e iii) os conhecimentos enciclopédicos dos sujeitos falantes (o cabelo só poderá ser escorrido após ter sido lavado).

Quanto à localização destes estados no eixo do tempo, ela é indeterminada como acontece, aliás, com todas as situações referidas nesta sequência. No texto em análise, a localização absoluta não é importante, mas a localização relativa das situações denotadas é decisiva para que sejam atingidos os objectivos propostos.

(1) e (2) são orações participiais e constituem adverbiais temporais que expressam informação sobre a localização relativa do estado de coisas referido em (3): uma vez que estas orações participiais integram uma informação temporal de anterioridade, a actividade referida em (3) situa-se num intervalo que está incluído nos intervalos de tempo, mais extensos, ocupados pelos estados consequentes designados em (1) e em (2). Sublinhe-se, todavia, que o início do intervalo em que se localiza a actividade descrita em (3) é necessariamente posterior ao início de cada um dos intervalos ocupados pelos estados consequentes denotados em (1) e em (2).

A informação temporal-aspectual relevante para o alocutário pode ser explicitada do seguinte modo: primeiro, concretize o evento de que resulta o estado descrito em (1); depois, realize o evento de que decorre o estado referido em (2); a seguir, desenvolva a actividade denotada em (3).

As duas orações participiais desempenham, portanto, funções diversas, de que destacamos as seguintes:

- i) referem estados que resultam da culminação dos eventos prolongados denotados pelos predicados de que derivam (respectivamente, “lavar o cabelo” e “escorrer o cabelo”); neste género discursivo, devem ser interpretadas como um incitamento à realização desses eventos prolongados, integrando-se, portanto, em enunciados com valor ilocutório directivo indirecto;
- ii) ajudam a localizar o estado de coisas referido pela proposição (3), a oração de que dependem sintacticamente.

A proposição (3), com forma verbal no infinitivo, designa uma actividade e localiza-se, então, num intervalo incluído no intervalo de tempo ocupado pelos estados consequentes designados em (1) e em (2).

A proposição (4) integra uma forma verbal no gerúndio com valor ilativo⁷, na medida em que é referida uma actividade que acompanha a actividade denotada na proposição (3), especificando o modo como esta deve ser realizada. Quanto à ordem temporal que se observa entre estas duas situações, verifica-se uma relação de sobreposição entre elas: o intervalo ocupado pela actividade referida em (3) sobrepõe-se ao intervalo em que se integra a actividade denotada em (4). Esta relação de sobreposição pode ser concebida como total ou descontínua. O alocutário pode concretizar, em simultâneo, os eventos prolongados “esfregar o cabelo” e “pôr água” sobre o mesmo; mas também é possível conceber que o alocutário comece por “esfregar o cabelo”, pare para “pôr água” e volte a “esfregar o cabelo”, desta vez “até obter espuma”.

O adverbial temporal (III) – que coincide com a proposição (5), a qual designa um evento instantâneo – delimita temporalmente as actividades referidas nas proposições (3) e (4). Deste modo, os intervalos de tempo ocupados pelas duas actividades denotadas em (3) e (4) são anteriores ao intervalo em que se insere o evento instantâneo referido em (5).

O evento prolongado designado pela proposição (6) – que tem forma verbal no infinitivo – situa-se num intervalo posterior ao que é ocupado pelo evento instantâneo referido em (5). Esta localização relativa decorre não apenas da ordem pela qual as situações são apresentadas no discurso, mas também de conhecimentos de natureza enciclopédica.

A proposição (7) inclui uma forma verbal no infinitivo e designa um evento prolongado, que se localiza num intervalo posterior ao intervalo de tempo ocupado pelo evento representado em (6). O sintagma nominal *a operação* designa o conjunto de procedimentos indicados pelas proposições (3) a (6), pelo que a situação denotada em (7) carrega o valor ilocutório directivo de solicitar ao alocutário que volte a efectuar aquela sequência de estados de coisas. Ora, só após a culminação do evento denotado pela proposição (6) se poderá reiniciar o conjunto de procedimentos prescritos.

A proposição (8) integra uma forma verbal no infinitivo e designa um evento prolongado. Este evento localiza-se num intervalo posterior ao intervalo de tempo em que se situa o evento denotado pela proposição (7).

A sequência que analisámos consiste basicamente num conjunto de eventos que são representados segundo uma ordenação sequencial. Mesmo as situações estativas referidas têm como objectivo assinalar, ainda que indirectamente, os eventos prolongados que lhes deram origem. Se exceptuarmos a especificidade inerente aos estados de coisas referidos em (3) e em (4) – recorde-se que nesta proposição ocorre uma forma de gerúndio –, não é possível conceber uma outra ordem entre os eventos que não aquela pela qual eles são apresentados no discurso.

⁷ Segundo Bosque e Demonte (1999), as formas de gerúndio com valor ilativo caracterizam-se por expressarem um evento independente que acompanha o que é denotado pela oração principal, observando-se uma relação de explicação ou de avaliação entre as situações referidas pelas duas orações. Nas construções em que ocorre o gerúndio com este valor, é possível comutar as formas verbais das orações principal e subordinada, como se comprova com os enunciados (3) e (4): *esfreg[ar] o cabelo* com um pouco de [champô], *pondo água quente*; *pôr água quente* [no cabelo], *esfregando-o* com um pouco de [champô].

Os advérbiais temporais presentes neste segmento discursivo desempenham duas funções: i) servem para ajudar a ordenar as situações e ii) para as delimitar temporalmente. Nenhum destes advérbiais temporais desempenha a função de ancorar as situações referidas directamente num determinado intervalo do eixo do tempo.

É neste contexto de ausência de necessidade de proceder à localização absoluta no eixo do tempo que se deve entender a ocorrência exclusiva de formas nominais do verbo, porquanto as formas verbais não assinalam, nos textos deste género discursivo, uma relação temporal entre o intervalo de tempo da enunciação e os intervalos ocupados pelos estados de coisas referidos.

6. Conclusões

Nesta secção final, propomo-nos retomar as principais características temporais e aspectuais atestadas no texto de instruções que analisámos, e proceder a uma reflexão no sentido de contribuir para determinar se, pelas propriedades que tipicamente manifesta, ele deve ser incluído entre os textos que actualizam o protótipo da sequência descritiva ou o da sequência narrativa.

Eis as propriedades mais relevantes do ponto de vista da expressão do tempo:

- a) são referidas predominantemente situações da classe dos eventos (recorde-se que mesmo os estados remetem indirectamente para situações eventivas a realizar pelo alocutário);
- b) verifica-se uma elevada taxa de ocorrência de advérbiais temporais;
- c) as situações denotadas são apresentadas segundo uma ordenação sequencial rígida; a progressão temporal entre os estados de coisas referidos constitui uma propriedade essencial deste género discursivo.
- d) uma vez que todos os enunciados possuem um valor ilocutório directivo, as situações localizam-se necessariamente num intervalo posterior ao intervalo de tempo da enunciação; mas os estados de coisas não são ancorados num determinado intervalo do eixo do tempo;
- e) o participio passado integra, neste género discursivo, enunciados com valor ilocutório directivo indirecto; estes enunciados incitam o alocutário a realizar o evento que dá origem ao estado consequente que a oração participial denota;

Estes factores, conjugados, definem a temporalidade dos textos que se integram neste sub-género discursivo.

Vejamos, agora, se o texto analisado constitui uma actualização do protótipo sequencial narrativo ou do protótipo sequencial descritivo.

No texto de instruções que analisámos, predominam as situações eventivas e observa-se progressão temporal entre os estados de coisas referidos. Por outro lado, não foram atestados os procedimentos típicos de uma sequência descritiva, designadamente as operações de identificação de um todo e de listagem das partes em que esse todo é susceptível de ser segmentado ou das propriedades que o caracterizam. Na perspectiva de Adam (1992), estas operações de identificação e de listagem congregam a essência

da sequência descritiva. Logo, não parece ser defensável que o texto em análise constitua uma actualização do protótipo sequencial descritivo.

De facto, este texto de instruções está mais próximo do protótipo sequencial narrativo porque:

- nele, predominam as situações da classe dos eventos;
- manifesta, regra geral, progressão temporal entre as situações referidas;

Todavia, o texto não constitui uma actualização pura do protótipo sequencial narrativo porque:

- a localização temporal dos estados de coisas referidos projecta-se para um intervalo posterior ao intervalo de tempo da enunciação;
- não são atestadas relações de causalidade entre as situações denotadas.

Segundo a teorização de Adam (1992), para que estejamos em presença de uma sequência narrativa não basta que as situações referidas no texto em causa se ordenem sequencialmente no tempo; é preciso que seja atestada uma *mise en intrigue* que se concretiza essencialmente na ocorrência das macroproposições narrativas de complicação e de resolução. Estas duas macroproposições permitem transformar uma sucessão cronológica de eventos numa intriga narrativa, em que o equilíbrio da situação inicial é destruído pela ocorrência dos eventos relatados na fase da complicação, em que um outro equilíbrio é instaurado a partir dos eventos narrados na fase de resolução, e em que as situações manifestam relações de causalidade entre si⁸.

Uma vez que não apresenta todas as propriedades que tipicamente caracterizam uma sequência narrativa, quer a nível da expressão do tempo, quer a nível da sua estrutura macroproposicional, não consideramos que este texto de instruções constitua uma actualização pura do protótipo da sequência narrativa.

Adam (1992, 2001) propôs que se perspectivasse a questão das classificações textuais de um modo gradual, escalar. Segundo este ponto de vista, não se pretende enumerar as condições necessárias e suficientes para integrar um determinado texto numa dada classe; antes se atribui uma importância variável às características que lhe são inerentes, tendo como objectivo situar esse texto numa zona mais ou menos próxima do protótipo sequencial com que mais se identifica. De facto, uma solução teórica que nos parece adequada passa por situar os diferentes protótipos sequenciais num *continuum*, e, com base nas propriedades que cada texto singular ou cada género textual manifesta, tentar localizá-los numa zona mais próxima ou mais periférica relativamente à área ocupada por um dado protótipo sequencial⁹.

⁸ Nas palavras de Adam (1992: 50), «il faut opérer une mise en intrigue, passer de la succession chronologique à la logique singulière du récit qui introduit une problématisation par le biais de deux macro-propositions – Pn2 et Pn4 – narratives extrêmement importantes, insérées entre la situation initiale et le début du procès et entre le procès et la situation finale».

⁹ Em Silva (2005a), começámos por defender a ideia segundo a qual um texto de instruções do sub-género receita de culinária actualiza o protótipo da sequência descritiva, em virtude de, nele, serem reconhecidos os procedimentos descritivos de identificação, listagem e relacionamento. Todavia, no seguimento das

No caso do texto de instruções do sub-género “modo de emprego” que analisámos, julgamos que é numa zona periférica do protótipo sequencial narrativo que ele deverá ser localizado, porquanto possui algumas propriedades temporais e aspectuais em comum com os textos que actualizam este protótipo.

A concepção escalar dos protótipos sequenciais tem ainda a vantagem de possibilitar que se proceda a distinções mais finas entre o vasto número de sub-géneros discursivos geralmente integrados na classe dos textos de instruções. Com base nas investigações efectuadas, podemos colocar a hipótese de que os textos de instruções do sub-género “modo de emprego” ou “modo de usar” revelam propriedades temporais e aspectuais que são comuns aos textos que actualizam o protótipo sequencial narrativo (sequencialidade temporal, predomínio de situações eventivas e elevada taxa de ocorrência de adverbiais temporais). Já o sub-género em que se integram as receitas de culinária e os textos de montagem (ou de ligação) manifestam também os procedimentos descritivos de identificação, listagem e relacionamento. Parecem estar, assim, um pouco mais próximos do protótipo da sequência descritiva do que os textos do sub-género “modo de emprego”.

E outros textos de instruções, como os horóscopos e os guias turísticos, que propriedades temporais e aspectuais tipicamente manifestam? Uma concepção escalar dos protótipos sequenciais convida a que se prossigam as investigações no sentido de determinar, a vários níveis, as diferenças entre os diversos sub-géneros discursivos incluídos sob a designação abrangente de textos de instruções.

Referências

- Adam, Jean-Michel (1992) *Les textes: types et prototypes* (4.^e éd.). Paris: Éditions Nathan, 2001.
- Adam, Jean-Michel (2001) Types de textes ou genres de discours? Comment classer les textes qui *disent de et comment faire?*. *Langages* 141, pp. 10-27.
- Casanova, Isabel (1996) A força ilocutória dos actos directivos. In Isabel Hub Faria *et al.* (orgs.) *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 429-436.
- Lopes, Ana Cristina Macário (1995) Tempo, aspecto e coesão discursiva. In *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, vol. III, pp. 351-371.
- Mann, William, e Sandra THOMPSON (1987) “Rhetorical Structure Theory: a theory of text organization”, <http://www.sfu.ca/rst/05bibliographies/report.html>.
- Mateus, Maria Helena Mira *et al.* (2003) *Gramática da língua portuguesa* (5.^a ed. revista e aumentada). Lisboa: Caminho.
- Moens, Marc (1987) *Tense, aspect and temporal reference* (PhD. Diss.). Edinburgh: University of Edinburgh.

investigações que temos vindo a desenvolver – cf. Silva (2005b) –, julgamos ser mais exacto dizer que uma receita de culinária se localiza num ponto intermédio do *continuum* entre os protótipos da sequência narrativa e da sequência descritiva, mas, no caso deste sub-género, num ponto mais próximo do protótipo sequencial descritivo. Esta concepção prototípica dos tipos de sequências permite, portanto, integrar na classificação de Adam (1992) os vários sub-géneros que se inserem no género mais vasto dos textos de instruções, localizando-os em pontos distintos do *continuum* devido à variedade e à especificidade das propriedades que cada um deles manifesta.

- Silva, Paulo Nunes da (2002) A expressão de valores temporais numa sequência narrativa. *Vidya* 37, pp. 179-195.
- Silva, Paulo Nunes da (2005a) Contributos para o estudo da expressão do tempo em textos de instruções: o exemplo da receita de culinária. In Dulce Carvalho, Dionísio Vila Maior, e Rui de Azevedo Teixeira (eds.) *Des(a)fiando discursos. Homenagem a Maria Emilia Ricardo Marques*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 587-597.
- Silva, Paulo Nunes da (2005b) *O tempo no texto. Contributos para o estudo da expressão do tempo em sequências textuais*. Dissertação de doutoramento, Universidade Aberta.
- Vendler, Zeno (1967) Verbs and times. *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, pp. 97-121.